



GRUPO OPERATIVO COMO ESTRATÉGIA DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Eurides Santos Pinho¹
Fernanda Costa Nunes²
Raquel Rosa Mendonça do Vale³
Johnatan Martins Sousa⁴
Nathália dos Santos Silva⁵

RESUMO

O processo de ensino aprendizagem pautado no processo grupal pode ser operacionalizado pelo Grupo Operativo que tem como estratégia a tarefa grupal. Por meio desta, é possível incitar a reflexão crítica teórico-prática mediante a vivências em grupo que intensificam a construção de conhecimento. Deste modo, este artigo tem o objetivo de descrever a utilização do Grupo Operativo como estratégia de ensino aprendizagem. Trata-se de um relato de experiência que utilizou o Grupo Operativo como alicerce de desenvolvimento da disciplina Ciências Sociais em Saúde II, integrada na matriz curricular dos cursos de enfermagem e odontologia em uma instituição de ensino superior privada do município de Goiânia, Goiás. Participaram dos Grupos Operativos 59 discentes, divididos em duas turmas A e B, no período agosto a novembro de 2017, o que totalizou 18 encontros com cada turma. Cada Grupo Operativo havia um tema estabelecido e técnicas de grupo previamente planejadas. A partir dos grupos, percebeu-se o estímulo na busca de informações e consequente construção de conhecimento pelos discentes, bem como a discussão e reflexão dos temas que abordam os contextos sanitários, sociais e culturais da população. Além do processo de aprendizagem, oportunizou o processo de nucleação dos discentes como grupo e turma a partir das percepções, opiniões e tarefas que propiciaram a identificação e coesão grupal.

¹ Faculdade Sul-Americana, Curso de Enfermagem da, Goiânia-GO

² Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Medicina. Goiânia. Goiás

³ Centro Universitário de Mineiros

⁴ Faculdade de Medicina;

⁵ Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Enfermagem. Goiânia. Goiás

Revista Gepesvida

Palavras-chave: Processos grupais. Estrutura de grupo. Ensino. Educação. Educação superior.

ABSTRACT

The learning-learning process based on the group process can be operationalized by the Operative Group, which has as strategy the group task. Through this, it is possible to incite critical theoretical-practical reflection through group experiences that intensify the construction of knowledge. Thus, this article aims to describe the use of the Operative Group as a teaching-learning strategy. This is an experience report that used the Operative Group as a foundation for the development of the discipline Social Sciences in Health II, integrated in the curriculum of nursing and dental courses in a private higher education institution in the city of Goiânia, Goiás. of the Operative Groups 59 students, divided into two classes A and B, from August to November 2017, which totaled 18 meetings with each class. Each Operating Group had an established theme and previously planned group techniques. From the groups, we noticed the stimulus in the search for information and consequent knowledge construction by the students, as well as the discussion and reflection of the themes that address the sanitary, social and cultural contexts of the population. In addition to the learning process, it facilitated the process of nucleation of students as a group and class from the perceptions, opinions and tasks that provided the identification and group cohesion.

Key words: Group Processes. Group structure. Teaching. Education. College education.

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino aprendizagem exige um constante fazer e refazer de metodologias e estratégias em sala de aula, envolve a disponibilidade de alunos e professores, e em especial a perspicácia do docente em identificar a dinâmica da turma enquanto grupo e a escolha da estratégia de ensino que favoreça o processo de aprendizagem participativo.

A vivência do professor tem significado para além do dinamismo e dedicação ao saber científico e empírico, abrange compreender o papel do aluno, na condição de sujeito e do modo como se apropria da realidade vivenciada, em que aprender envolve ser conduzido pela interação do pensar, sentir e agir, com suas múltiplas relações interpessoais e com o meio (LUCCHESI, FERRAZ, 2002), ou seja, discussões sobre a afetividade no contexto da sala de aula e a relação professor-aluno é essencial pois podem influenciar o processo da construção do conhecimento e da personalidade dos estudantes (SAMPAIO *et al.*, 2017).

Revista Gepesvida

A aprendizagem pautada nos processos grupais coloca em evidência a possibilidade de nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos. Como processo contínuo, o aprender determina que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros. Como modalidade de processo grupal, tem-se o grupo operativo (GO) que consiste no trabalho com grupos, cujo objetivo é promover o processo de aprendizagem aos integrantes envolvidos (BASTOS, 2010).

O grupo operativo é uma abordagem que pode ser utilizada em clínicas, escolas, organizações, comunidades e demais instituições, o que distingue é a tarefa grupal. Mediados por atividades, os integrantes do grupo passam a interagir e se relacionar, e no grupo operativo no cenário de ensino-aprendizagem, os indivíduos trabalham em relação a um tópico (SANTOS *et al.*, 2016).

O grupo operativo estimula a circulação da palavra, propiciando uma relação horizontal entre professor e aluno, em que todos possuem voz ativa. Dessa forma, os alunos também passam a ensinar e exercer protagonismo no processo de construção de conhecimentos (HUR; MENDONÇA; VIANA, 2016).

A compreensão da técnica do GO envolve entender o ECRO (Esquema Conceitual, Referencial e Operativo), assume condição necessária para a comunicação e a realização da tarefa, que depende do campo operativo do grupo envolvendo percepção, interação e linguagem, permite a apreensão da realidade que se propõe estudar (PICHON-RIVÈRE, 2009; SOARES; FERRAZ, 2007).

Visto a necessidade de despertar os discentes no processo de aprendizagem, estimular reflexão crítica teórico-prática e a criatividade nas produções em sala de aula, por meio de momentos com experimentação e vivências do grupo que potencializam a construção de conhecimento e trocas de saberes, este artigo tem o objetivo de descrever a utilização do Grupo Operativo como estratégia de ensino aprendizagem.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência relatada a seguir foi vivenciada a partir da utilização do Grupo Operativo como estratégia no processo de ensino aprendizagem na disciplina de Ciências Sociais em Saúde II. A disciplina está integralizada na matriz curricular dos cursos de

Revista Gepesvida

enfermagem e odontologia de uma instituição de ensino superior (IES) privada, localizada no município de Goiânia-Go.

A instituição de ensino e as coordenações dos cursos da área da saúde, estimulam e fomentam a utilização de metodologias que posicionem os alunos de modo ativo no processo de ensino aprendizagem, com estratégias de ensino que problematizam a realidade estudada e favorecem a interação efetiva da teoria e prática.

O desenvolvimento dos grupos operativos (figura 1) foi conduzido por meio de encontros semanais com duração de 2 horas cada, no período de sete de agosto a 28 de novembro de 2017, totalizando 18 semanas. Para o planejamento dos encontros grupais utilizou-se a ferramenta 5W2H, uma ferramenta para colocar em prática os planos de ação por meio de perguntas capazes de definir claramente as atividades desenvolvidas no processo que se deseja melhorar. O principal objetivo da ferramenta 5W2H é responder sete questões capazes de trazer melhorias a um processo ou estruturar um processo (MEIRA, 2003).

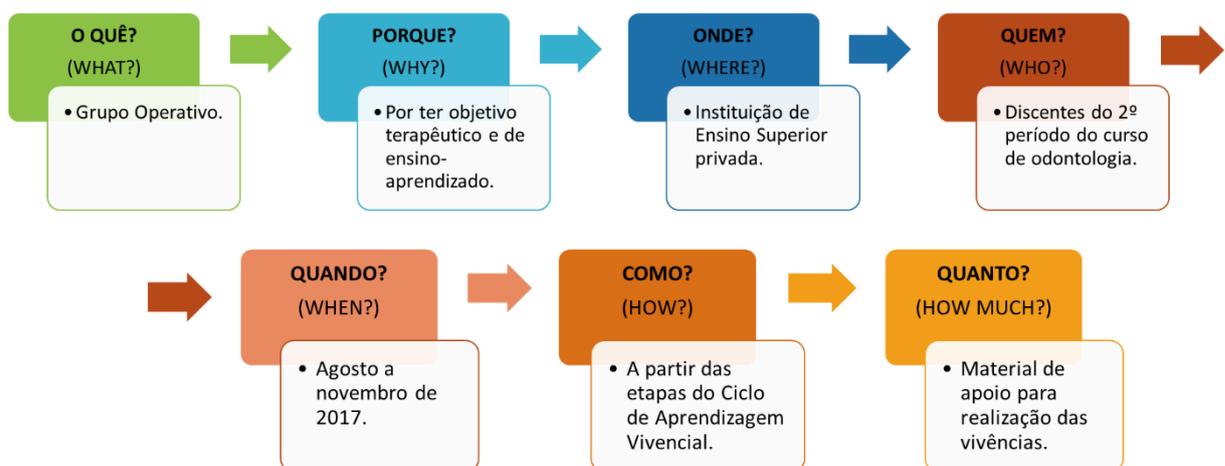


Figura 1. Descrição do planejamento dos encontros grupais com uso da ferramenta 5W2H.
Fonte: Dados dos autores. Ferramenta 5W2H (MEIRA, 2003).

O processo avaliativo dos grupos operativos foi constante, ao término de cada encontro os alunos verbalizaram as percepções a partir da vivência em sala de aula, outro modo de avaliação foi o diário de bordo, em que os alunos descreveram a cada encontro a contextualização do encontro. Os diários de bordo foram entregues ao final do semestre e compuseram também a avaliação da disciplina curricular.

Revista Gepesvida

Os encontros grupais foram norteados pelo Ciclo de Aprendizagem Vivencial (CAV) que contempla 4 etapas, a atividade que consiste na vivência de uma situação; a análise que é o processo diagnóstico da situação vivenciada por discussões em grupo; a conceituação que é o momento de sistematização da vivência com fundamentação teórica e construção de mapas cognitivos individuais; e a conexão, que diz respeito às correlações com o trabalho e vida em geral (MOSCOVICI, 2004).

As vivências abordaram necessariamente a realidade enquanto tarefa do grupo operativo e ao longo do CAV os discentes vislumbraram os vetores ou indicadores desde a afiliação até a rede transferencial com propostas de soluções à realidade problematizada em grupo.

3 GRUPO OPERATIVO E PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Pichon-Rivière, psicanalista, introduziu a teoria de Grupo Operativo na década de 40 do século XX, definindo-o como conjunto de pessoas, ligadas no tempo e no espaço, reunidas com um objetivo comum, interagindo em uma rede de papéis com o estabelecimento de vínculos entre si. A tarefa é essencial no processo do GO, por isso, chamado de "grupo centrado na tarefa que tem por finalidade aprender a pensar em termos de resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal" é necessário vinculação e interação, no sentido de um objetivo comum (PICHON-RIVIERE, 2009; LUCCHESI; BARROS, 2007; LUCCHESI; FERRAZ, 2002; OSÓRIO, 2000).

A tarefa no conceito dialético pichoniano, consiste no caminho percorrido pelo grupo para alcançar os objetivos propostos. Também definida como a operatividade do grupo, que revela-se pelas interações coletivas com apropriações de saberes diversos e a mobilização do processo de aprender a realidade (LUCCHESI; BARROS, 2007).

A teoria foi desenvolvida explicitada na forma de pensar no sujeito, na sua relação objeto e no grupo, baseada na estrutura de vínculos que modela a intervenção em grupo, atribuindo à técnica um caráter dinâmico e interdisciplinar, que pode ser utilizado tanto na educação (grupos de ensino) e como na terapia (grupos de terapia). Vale destacar que na opinião do criador da teoria não há diferença entre propósitos terapêuticos e de aprendizagem, pois ocorre de modo simultâneo e complementar no processo grupal (LUCCHESI; FERRAZ, 2002; OSÓRIO, 2000).

Revista Gepesvida

Assim, as tarefas podem ser diversas, como a realização de um trabalho, o estudo ou a terapia. A técnica de grupo operativo caracteriza-se como terapia quando a tarefa explícita do grupo é essa. Entretanto, em todos os outros casos o grupo operativo também pode ser realizado com ganhos psíquicos, no campo do conhecimento, para seus membros. Não existe, para Pichon-Rivière, uma incompatibilidade a priori entre fazer algo, realizar um trabalho e o desenvolvimento psíquico (CASTANHO, 2012).

A compreensão da técnica do GO envolve entender o ECRO (Esquema Conceitual, Referencial e Operativo), assume condição necessária para a comunicação e a realização da tarefa, que depende do campo operativo do grupo envolvendo percepção, interação e linguagem, permite a apreensão da realidade que se propõe estudar configura um conjunto organizado de conceitos gerais, teóricos, referentes a um setor real, a um determinado universo de discurso, com aproximação instrumental do objeto particular da tarefa e da realidade em questão (PICHON-RIVÈRE, 2009; SOARES; FERRAZ, 2007).

Dada a relevância do tema, vale destacar que as vivências grupais, como instrumento de ensino-aprendizagem, podem beneficiar os futuros profissionais frente às relações e interações humanas que estão imersas e indissolúveis no cotidiano da prática profissional. Nesse contexto, Menezes e Avelino (2016) fazem referência a dois conceitos que complementam a estrutura do grupo, a verticalidade que diz respeito à história individual de cada sujeito e a horizontalidade que remete ao campo grupal, ambas afetam e são afetadas pela dinamicidade e interação grupal.

Em suma segue a apresentação de pontos relevantes no estudo da técnica, em que o grupo centrado na tarefa, mobiliza os elementos do grupo em direção à tarefa e ao objetivo contratado outro aspecto são os papéis que surgem na dinâmica grupal como porta-voz, bode expiatório, líder e sabotador. O Grupo operativo estrutura-se no interjogo de assunção e adjudicação desses papéis que são funcionais e rotativos, há ainda os papéis de coordenador e observador que tem função assimétrica e em geral fixos em relação aos componentes do grupo, e interliga-se na análise do trabalho grupal, há que se considerar os vetores que constituem a escala de avaliação do processo grupal, como indicadores (PICHON-RIVÈRE, 2009; CAMPOS, 2010).

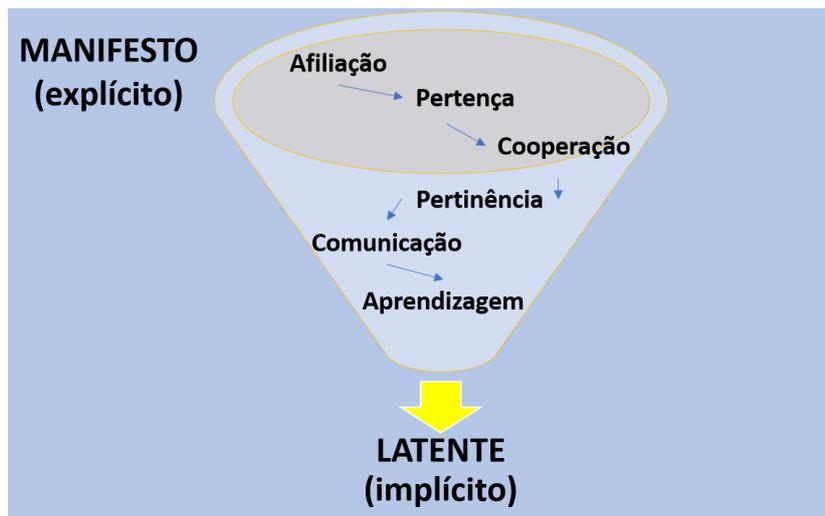


Figura 2. Representação gráfica do cone invertido e espiral dialética segundo Pichon-Rivière.
Fonte: Pichon-Rivière (2009).

A partir da observação dos fenômenos grupais Pichon-Rivière (2009) organizou uma avaliação básica dos grupos, esses indicadores também são denominados vetores importantes para observar e mensurar o processo de cada membro do grupo. Como referência de indicadores do processo grupal tem-se os seguintes vetores: afiliação, primeiro nível de identificação entre os membros; pertença, identificação profunda, com adoção de normas que regem o grupo; cooperação, capacidade de colaborar com papéis complementares na execução da tarefa; pertinência, o centrar-se na tarefa, vencendo resistências à mudança; comunicação, relação entre os membros e com o coordenador; aprendizagem, integração das informações veiculadas pelos membros, provocando modificações qualitativas; e tele, disposição do grupo para com a tarefa, dos membros entre si e com o coordenador (OSÓRIO, 2000; LUCCHESI; BARROS, 2007; OKAMOTO, 2017).

Os vetores do cone invertido orientam como o grupo aborda a tarefa de superar suas resistências, transformando a situação implícita em explícita. o grupo é o local onde há uma relação dialética entre o sujeito e o objeto, momento em que se dá o aprendizado, havendo uma indissociabilidade entre eles e uma lógica dialética entre a fantasia inconsciente do sujeito e a estrutura social em que está inserido (OLIVEIRA et al, 2010). Quando um grupo é formado e se propõe a uma dada tarefa, isso não significa que ele esteja pronto à sua operatividade, trata-se de uma dinâmica que envolve estruturação,

desestruturação e reestruturação frente ao novo em um processo de ensino aprendizagem constante (BANDEIRA; BAPTISTA; DA SILVA; LIMA *et al.*, 2016).

3.1 AS VIVÊNCIAS EM GRUPO

A proposta do Grupo Operativo (GO) convida à vivência grupal, interação com o meio interno do grupo e com o meio externo configurado pela realidade estudada, uma vivência teórico-prática que valida o conhecimento adquirido.

A utilização da tecnologia grupal na disciplina de ciências sociais teve a intenção de possibilitar aproximação com a realidade discutida, visto que o conteúdo programático perpassa pelo contexto histórico fundamental à compreensão de vários campos das práticas sociais, dos saberes e dos conhecimentos na área da saúde. A ementa da disciplina permeia a compreensão de conceitos de cidadania, filosofia e os sentidos antropológicos do cuidado em saúde, além de iniciar a discussão de aspectos específicos da área da saúde como o processo saúde-doença e as relações entre saúde pública no Brasil e no mundo.

A primeira tarefa dos grupos A e B, foi construir o contrato terapêuticos. Por meio das perguntas, consentiram em pontos que possibilitaram encontros agradáveis e produtivos, a partir das indagações “O que queremos que aconteça?”, “O que não queremos que aconteça?” e “Como podemos contribuir?”. Os discentes pontuaram aspectos a fim de prevenir conflitos ou desentendimentos nos grupos, em especial, focaram no respeito à diversidade de opiniões, nas restrições ao uso do celular e nas conversas paralelas.

O contrato é o conjunto das normas e regras de convivência que precisa ser elaborado e cumprido pelos membros do grupo. Para a construção do contrato é necessário respeito, responsabilidade, comprometimento, capacidade para ouvir, flexibilizar, ceder e confiar (MOSCOVICI, 2001; MOTTA; MUNARI, 2016).

Participaram dos grupos operativos 59 alunos divididos em duas turmas, A e B, com 29 e 31 alunos, respectivamente. A faixa etária média dos alunos esteve entre 17 e 20 anos, em que oito alunos têm idade entre 30 e 40 anos. A maioria dos discentes são do sexo feminino.

Nesse clima iniciou-se os encontros grupais com o objetivo de produzir aprendizado mútuo. A cada encontro a proposta do GO convidou os discentes a refletir o

Revista Gepesvida

conteúdo das ciências sociais após terem vivenciado e problematizado de diferentes maneiras (Quadro 1 e 2), logo, além da aprendizagem observou-se a verticalidade e horizontalidade do processo grupal em processo contínuo de afiliação e pertença, dois importantes indicativos da avaliação grupal.

Como destacou os recursos e as ferramentas reafirmam que cada grupo e cada contexto é singular, cada grupo tem sua própria característica, que deve ser valorizada, respeitando aspectos culturais, valores, crenças, necessidades, problemáticas, entre outros. Por isso apresentamos separadamente as produções e o processo de cada grupo A e B, mesmo que a tarefa tenha sido a mesma, a dinâmica e o processo grupal foram distintos e influenciados pelos aspectos singulares já mencionados.

GRUPO A			
Encontro	Tema / tarefa	Estratégia de Vivência	Pontuações do processamento da vivência no contexto da tarefa
1	Cidadania e participação social	Teatro mudo com situações do cotidiano que envolve a Cidadania.	Extensa discussão quanto à cena que evidencia uma pessoa em situação de rua. Foi observado a ressignificação de pré-conceitos.
2	Reflexões filosóficas a respeito da constituição da saúde	Exposição de vídeo “Filósofos que pensaram a saúde – visão cronológica”.	Discussão dos conceitos de saúde atuais que foram influenciados ou pensados por filósofos da antiguidade. E dos significados dos ditados populares e ensinamentos de pessoas mais velhas.
3	Aspectos antropológicos que impactam à saúde e a formação de grupos	Técnica “Tribunal de Júri” com o caso de uma paciente da religião testemunha de Jeová.	Os alunos conduziram as reflexões no campo da ética e bioética, em especial, ao respeito da subjetividade. Não houve consenso, mas a diversidade de opiniões que enriqueceu a discussão.
4	Prevenção e promoção da saúde	Dramatização de um caso de contaminação por HIV “ <i>caso Valdirene</i> ”.	O caso referia a uma adolescente que se contaminou por falta de conhecimento, nesse sentido, os relatos se direcionaram aos tipos de prevenção e a importância da educação em saúde.
5	História da saúde pública no Brasil	Exposição de trechos do filme “Políticas Públicas de saúde no Brasil”.	Discussão voltada aos aspectos históricos. O foco na tarefa foi mantido, refletiram como isso reverbera na política de saúde hoje.
6	O movimento da Reforma Sanitária	Dramatização de pontos cruciais da Reforma Sanitária, como o movimento popular e político.	Produziram reflexões do empoderamento da população na luta serviços de saúde gratuitos e integrais, apontaram falhas na atualidade.

Revista Gepesvida

7	Políticas Públicas da Saúde Bucal	Exposição de vídeo sobre o programa de saúde bucal Brasil sorridente.	Nessa tarefa os alunos demonstraram intenso interesse por se tratar da área de conhecimento que escolheram com profissão, fato relatado por alguns.
8	Educação em saúde	Jogo da Vida, adaptado com questões relacionadas à saúde de modo geral.	Discutido aspectos relacionados aos meios de Educação em Saúde a partir da bagagem sobre promoção e prevenção à saúde que cada aluno apresentou.
9	Leis orgânicas do Sistema Único de Saúde	Continuação do “caso Valdirene” agora graduada em Enfermagem trabalhando no Sistema Único de Saúde (SUS).	No processamento os alunos criticaram arduamente o modo como o SUS é executado numa perspectiva distante da teoria e da legislação.
10	Regulação em saúde	Técnica de “caça ao tesouro” em que o tesouro seria o tratamento adequado para um caso clínico.	Reflexão quanto à mobilização propiciada pela técnica escolhida, no sentido do grupo ter percorrido muitos espaços da faculdade na busca de pistas do tratamento adequado, comparado aos percursos que os usuários do SUS fazem em busca de assistência à saúde.

Quadro 1. Descrição dos encontros do Grupo Operativo A

GRUPO B			
Encontro	Tema / tarefa	Estratégia de Vivência	Pontuações do processamento da vivência no contexto da tarefa
1	Cidadania e participação social	Técnica “Rótulos” – rotulando pessoas em situação de vulnerabilidade.	Diversidade de opiniões pautadas no contexto de vida de cada membro.
2	Reflexões filosóficas a respeito da constituição da saúde	Dramatização: 2 cenas comparando conceitos filosóficos do atendimento odontológico (cena 1 – hospitalocêntrica; cena 2 – visão holística).	Reflexão a respeito do significado do símbolo da saúde, um cajado com uma cobra enrolada, usado por Esculápio, deus da mitologia grega. O Grupo expôs situações do cotidiano.
3	Aspectos antropológicos que impactam à saúde e a formação de grupos	Estação “Estação cibernética” - sobre os grupos de populações em situações de vulnerabilidade.	Em grupos como negros e população LGBT, os alunos que se consideraram como pertencentes projetaram suas experiências de discriminação, fato que gerou identificação de outros membros do grupo e reflexões sobre os direitos e aspectos éticos.

Revista Gepesvida

4	Prevenção e promoção da saúde	Exposição de vídeo sobre “Doenças sexualmente transmissíveis”.	Os alunos conseguiram identificar os modelos de prevenção e relacionadas com os programas e políticas públicas de saúde que observam em postos de saúde e propagandas da TV e rádio.
5	História da saúde pública no Brasil	Técnica “Venda o seu peixe”, por meio de três subgrupos, cada subgrupo deveria “vender” um modelo de saúde (público; privado e planos de saúde no contexto histórico).	Os alunos desviaram o foco da tarefa quando demonstraram alto nível de competitividade, então, viu-se a necessidade de processar esse movimento do grupo, explicitando os pontos positivos e negativos da competitividade.
6	O movimento da Reforma Sanitária	Exposição de vídeos “VIII Conferência Nacional de Saúde - CNS”, e leitura de artigo científico.	Discussão centrada nos pontos norteadores da VIII CNS, em especial, os fatores determinantes da saúde, explicitando o contexto atual.
7	Políticas Públicas da Saúde Bucal	Entrevista à especialistas, o grupo replicou entrevista realizadas nos serviços de saúde com profissionais de diferentes especialidades odontológicas.	Durante a discussão os alunos que não visitaram às unidades de saúde demonstraram interesse em saber como funciona e sobre a estrutura física, o diálogo foi orientado para a tarefa aproveitando o interesse dos alunos em conhecer os serviços de saúde bucal.
8	Educação em saúde	Oficina sobre planejamento de atividades de Educação em saúde.	O ponto crucial desse encontro foi a observação de como o processo de aprendizagem se mostra eficaz intersecção da teoria com a prática. Essa percepção foi relatada pelo grupo.
9	Leis orgânicas do Sistema Único de Saúde	Jogo de perguntas e respostas após estudo do tema em grupos.	Os alunos demonstraram compreensão da parte teórica das leis orgânicas, mas novamente desfocaram da tarefa devido à competitividade.
10	Regulação em saúde	Estudo de caso clínico em subgrupos, para identificação do fluxo de atendimento.	Discussão pautada na dificuldade de acesso, demora nos encaminhamentos à especialidades odontológicas, e pontuação sobre a precariedade da saúde bucal no SUS.

Quadro 2. Descrição dos encontros do Grupo Operativo B.

Os encontros propiciaram aprendizado a partir da intensa interação grupal e integração dos membros enquanto turma, que segundo relatos expandiu para as demais disciplinas do curso no sentido dos trabalhos avaliativos em grupos. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as

Revista Gepesvida

dúvidas e para as novas inquietações, quando se está aprendendo, mesmo inconscientemente, deixamos de lado formas estereotipadas de ver o mundo ou a realidade (OSÓRIO, 2000; BASTOS, 2010).

Por ser dinâmico o GO permite interação e comunicação que impulsionam o pensamento e a criatividade; reflexivo, visto que uma das tarefas é a reflexão sobre o processo grupal; e democrático quanto à tarefa, pois o grupo origina suas próprias ações e pensamentos, em um princípio de autonomia e soberania (SOARES; FERRAZ, 2007).

Nesse sentido, observou-se no primeiro e terceiro encontro de ambos grupos que há a ressignificação dos conceitos e das “formas estereotipadas de ver o mundo”. Uma consciência coletiva quanto a diversidade e o respeito, construída de modo coletivo na diversidade de alunos que se propõe viver o grupo. Estratégias vivenciais por meio da tecnologia de grupo, permite sensibilizar os discentes, no intuito de resgatar e refletir sua própria historicidade e significados nos contextos sociais e grupais (MENEZES; AVELINO, 2016).

Visto que nas interações há reciprocidade que viabiliza a partilha de saberes, de significados, de conhecimentos e de valores, com isso em um movimento processual se estrutura o social e o cultural. É neste contexto que o sujeito interage construindo-se socialmente e, ao mesmo tempo em que se constrói, participa ativamente da construção social (BASTOS, 2010). Esse processo de construção coletiva do indivíduo em formação agrega valores e características possivelmente irão refletir em sua prática profissional.

O grupo de modo geral tem por função ser uma ferramenta de união, compartilhamento, e modificação dos conceitos dos membros, transformando seu conhecimento pelo combate e transformação das tarefas interna e externa, respectivamente, os valores pessoais e introspectivos, grupais e extrovertidos dos participantes, aqui novamente fazemos referência aos aspectos da verticalidade e da horizontalidade do indivíduo que sai da afiliação e identificação até a aprendizagem (BANDEIRA; BAPTISTA; DA SILVA; LIMA *et al.*, 2016).

Observou-se nos dois grupos a resistência de alguns membros, resistência a mudança de modos de aprender, pois estava frente a uma estratégia de aprendizagem que o convida a participar e ser ator criativo e reflexivo. Nesse sentido, um dos alunos nos primeiros encontros se restringia, especificamente, em participar de técnicas que envolvia

Revista Gepesvida

movimentos corporais, respeitando o seu tempo sempre ficava no compromisso de observar a dinâmica do grupo durante a técnica e relatar suas percepções, nos últimos encontros aceitou participar das vivências sem restrições. Os outros membros demonstraram resistência no relato, com pontuações sucintas e reflexões superficiais, esse movimento também foi respeitado e foi estimulado que esses alunos expressassem no diário de bordo as percepções que não se sentiam à vontade para verbalizar.

Poderíamos aqui pontuar a atitude desses membros como o papel de sabotador do grupo, se considerar que a restrição em participar seja um modo de obstaculizar o andamento exitoso da tarefa grupal (ZIMERMAN, 1993; PICHON-RIVIERE, 2009). No entanto, o movimento observado estava mais relacionado a ansiedade, que pode ser classificada como ansiedade de fusão com o outro ou com o grupo conforme referido por Zimerman (1993) ou característica da personalidade de cada membro.

Mas nesse caso, vale ressaltar o papel do coordenador que deve respeitar as características dos participantes, procurando não rotular ou nomear os papéis que usualmente lhes são atribuídos (ANDALÓ, 2006). Considero o respeito ao movimento interno e externo dos participantes corresponde ao acolhimento de dificuldades de interação e integração, logo, favorece o sentimento de pertença ao grupo mesmo com dificuldades pessoais, gerando ou não mudança de comportamento. É como se dissessem “aqui, no grupo, posso ficar mesmo com minha timidez ou não querendo participar”, visto que em nenhum momento o espaço grupal foi deixado, mesmo tendo sido pontuado no contrato de convivência inicial que a permanência não seria obrigatória.

O processo de reflexão a partir das realidades apresentadas e problematizadas foi constante, na leitura dos quadros 1 e 2, é possível perceber como o relato, a generalização e aplicação à realidade, envolveram continuamente o contexto da tarefa proposta ao grupo em cada encontro, construindo progressivamente o conhecimento proposto. Osório (2000) pontua que os grupos operativos ou refletivos oportunizam a aprendizagem por intermédio do próprio grupo, pois tem por finalidade desenvolver as habilidades dos participantes de pensar a realidade compartilhada.

A participação em um grupo operativo tem como base a relação dos participantes: a assunção dos personagens, o estabelecimento da comunicação, o enfrentamento da tarefa/problema, sua resolução e as trocas de experiências entre os

Revista Gepesvida

participantes no fim da atividade. Esse movimento direciona para a amplitude, horizontalização e generalização, no sentido de considerar o processo de aprendizagem como processo contínuo e gradativo e não somente o produto final, que levaria a repetição e segmentação generalizada do ensino (BANDEIRA; BAPTISTA; DA SILVA; LIMA *et al.*, 2016).

O grupo, como um espaço de reflexão e construção de conhecimento, incentiva busca ativa de informações (SANTOS *et al.*, 2016). O movimento de buscar informações foi estimulado em vários momentos antes e após os encontros grupais, antes no intuito de elaborar a melhor estratégia para apresentação do tema enquanto tarefa, e após com a orientação de consolidar o conhecimento.

Para além de analisar e compreender o tema, que corresponde ao conteúdo programático da disciplina, os membros puderam expressar suas opiniões, criticar os modelos das ciências da saúde que não valorizam a integralidade da pessoa, refletir aspectos éticos e de direitos dos cidadãos, e talvez o mais importante, ressignificar conceitos por meio da identificação com pontos de vista dos demais membros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que na literatura há publicações que descrevem a utilização do grupo operativo como ferramenta de aprendizado em grupos relacionados a processos de adoecimento ou produção de saúde, em geral com pessoas portadoras de doenças crônicas degenerativas. No entanto, foram esparsas as produções que remetem a utilização dos grupos operativos como estratégia de ensino-aprendizagem. Investir e investigar a utilização das tecnologias grupais no contexto das salas de aula se revela uma potencialidade para a discussão e construção de diversas estratégias participativas e transformadoras de ensino.

A experiência do uso da tecnologia grupal para compartilhar conceitos e construir aprendizado por meio do grupo operativo, foi extremamente enriquecedora, tanto nos aspectos de aprimorar a atuação como coordenação de grupos como na supervisão dos membros que produziam as estratégias.

Essa pode ser referida como uma estratégia da metodologia participativa do processo de ensino aprendizagem ao ponto que estimula a busca de informações, além de

Revista Gepesvida

fomentar discussão e reflexão de temas que são vivenciados na realidade da população em diferentes contextos sociais e culturais.

A dinâmica grupal, propiciou em alunos um processo de nucleação como grupo e turma, pois por meio da exposição de suas percepções e opiniões a respeito dos temas e das tarefas conseguiram interagir, produzir identificação e coesão grupal.

REFERÊNCIAS

ANDALO, C. O papel de coordenador de grupo. **Psicol. USP**, v.1, n.12, p. 135-52, 2001.

BANDEIRA, R.; BAPTISTA, J.; DA SILVA, J. B.; LIMA, A. K. et al. Uso de grupos operativos como alternativa educacional no ensino superior. **Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, 1, n.1, p. 3-12, 2016. Disponível em: <https://www.revistaremeecs.com.br/index.php/remecs/article/view/1>

BASTOS, A. B. B. Interações e desenvolvimento no contexto social da creche à luz de Henri Wallon. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMPOS, A.B.B.I. A técnica de grupos operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo in Formação**, ano 14, n. 14, jan/dez 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010

CASTANHO, P. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. Vínculo-Revista do NESME, v. 9, n. 1, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100007

HUR, D.U.; MENDONÇA, G.S.; VIANA, D.A. Educação Física e formação: o grupo operativo como um dispositivo de avaliação. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 96-107, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000200008

LUCCHESI, R.; BARROS, S. Grupo operativo como estratégia pedagógica en un curso de graduación en enfermería: un continente para las vivencias de los alumnos del cuarto año. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 36, n. 1, p. 66-74, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342002000100010&script=sci_arttext&tlng=es

Revista Gepesvida

LUCCHESI, R.; BARROS, S. A utilização do grupo operativo como método de coleta de dados em pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/pdf/v9n3a18.pdf>

MENEZES, K.K.P.; AVELINO, P.R. Grupos operativos na Atenção Primária à Saúde como prática de discussão e educação: uma revisão. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 24, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v24n1/1414-462X-cadsc-24-1-124.pdf>

MOTTA, K.A.M.B.; MUNARI, D.B. **As trilhas do trabalho de grupos: teorias e aplicabilidade**. Curitiba: CRV; 2016.

MOSCOVICI, F. **Equipes Dão Certo, A multiplicação do talento humano**. 6 ed. Rio de Janeiro. Ed José Olympio, 2001.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2004.

OKAMOTO, M.M. Revisitando Enrique Pichon-Rivière: Grupo Interno, história de origem e contexto social. **PUC-SP. São Paulo**, v. 17, n. 06, p. 2017, 2017.

OSÓRIO, L.C. **Grupos, teorias e práticas: acessando a era da grupalidade**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

PICHON-RIVIÈRE H. **O processo grupal**. Trad. de Marco Aurélio Fernandes Veloso. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SOARES, S.M.; FERRAZ, A.F. Grupos operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias. **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 1, n1, mar. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000100007&lng=pt&tlng=pt

SAMPAIO, A. B. A. et al. Processos afetivos na relação professor e aluno: reflexões sobre a mediação do psicólogo escolar. **Revista Expressão Católica**; v. 6, n. 1; p. 55, 2017. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/2071>

SANTOS, M. A. et al. Grupo operativo com professores do ensino fundamental: integrando o pensar, o sentir e o agir. **Revista da SPAGESP**, v. 17, n. 1, p. 41, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100005

ZIMERMAN, D. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

Data da submissão: 20-08-2019

Data da aceitação: 16-12-2019